

MOUTINHO, Nogueira. História do Brasil, romance brasileiro.  
Folha de São Paulo, São Paulo, 19 nov. 1974.

# História do Brasil, romance brasileiro

Folha de  
São Paulo  
19  
11  
74

NOGUEIRA MOUTINHO

ANTONIO CONSELHEIRO E CANUDOS —  
Ataliba Nogueira.  
Brasiliana, vol. 355. Editora NACIONAL, São  
Paulo, 1974.

Quase oitenta anos após o episódio de Canudos, um documento inédito, que pode propiciar a abertura de novas perspectivas sobre a personalidade de Antonio Conselheiro, é publicado com um minucioso estudo de Ataliba Nogueira: "Prédicas aos canudenses e um discurso sobre a república". Seu manuscrito, através de Afrânio Peixoto, chegou ao conhecimento de Euclides da Cunha, mas o autor dos "Sertões" desapareceu tragicamente pouco tempo depois, não tendo podido analisá-lo. Do próprio punho de Antonio Vicente Mendes Maciel, o texto dividido em quatro partes contém a súmula do pensamento religioso, filosófico e político de Antonio Conselheiro. Pela primeira vez é facultado aos historiadores o acesso a um documento de tal importância, capaz de possibilitar uma revisão senão total, pelo menos parcial da controvertida figura do Conselheiro. Efetivamente, o perfil com que passou à História continua sendo o retrato patológico, formidável e fundamente vincado que dele traça Euclides no seu livro maior. A partir da leitura deste documento, o eminente jurista, prof. Ataliba Nogueira, propõe uma revisão da figura sombriamente retratada nos "Sertões", livrando-o da pecha de fanático político e religioso para apresentá-lo sob uma nova luz, mais favorável e talvez realmente mais justa: "Nem insano, nem fanático. Homem excepcional, sim; embora extremamente simples. Amante do seu povo, para cujo serviço sofreu muito e para cujo bem e progresso foi chefe e condutor." Naturalmente destinado a suscitar contestações e polêmicas, o trabalho de Ataliba Nogueira tem o indiscutível mérito de reabrir um debate que longe de poder ser arquivado deverá prosseguir: Há outros documentos de valor, informa Américo Jacobina Lacombe, que deverão ser editados para trazer novos elementos ao estudo do trágico episódio de Canudos, que ensanguentou os inícios do período republicano.

A ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE DE 1823 — José Honório Rodrigues, Editora Vozes, Petrópolis, 1974.

Publicada em comemoração do sesquicentenário da instalação do poder legislativo no Brasil, a obra do professor e acadêmico José Honório Rodrigues assinala com fidelidade os limites da importância histórica e ideológica da Constituinte de 1823. Organizada em maio daquele ano, e destinada a ter curta duração, a Assembléia Constituinte evocava a Revolução Francesa e reunia duas características fundamentais: a posse da soberania nacional, ainda que dividida com o Imperador, e o dever de constituir uma nova nação, surgida das ruínas do domínio colonial. Quando seus cinquenta deputados se reuniram pela primeira vez tudo estava por fazer no Brasil: Constituição, códigos, sistema de

educação. Nada existia além de um soberano aclamado e coroado — Sua importância decorre exatamente dessas contingências. Foi talvez o primeiro ato, ou a primeira tentativa de emergência do Brasil como nação realmente autônoma. Suas contradições foram inúmeras, os problemas suscitados, muitas vezes insolúveis. Tais fatos logo levaram o impetuoso e irritável imperador ao seu fechamento e à suspensão dos direitos individuais. Todavia, um saldo favorável se inscreveu a favor do povo brasileiro. Pela primeira vez no país se falou em direitos sociais e em segurança pública. Alguns problemas singularmente persistentes em nossa organização social talvez tenham, por outro lado, emergido nesse período: a discriminação racial, a supervalorização do branco em relação ao negro e ao mestiço, entre outros. Foi em consequência da Assembléia de 1823 e de sua dissolução que surgiu a Confederação do Equador. Em consequência da derrota de Pedro I nesse levante, o imperador foi coagido a reabrir o Parlamento, a conceder liberdade à imprensa e a finalmente abdicar, decorrência do processo histórico que não podia ser sustado ou desviado. O livro de José Honório Rodrigues, a par da documentação austeramente manipulada, revela os fatos transcorridos nos bastidores: a personalidade gigantesca de José Bonifácio, a influência pessoal de outra paulista, a marquesa de Santos, as lutas surdas nas antecâmaras palacianas, nos quartéis, nas sacristias. Ressurreição de uma importante etapa de nossa História, o ensaio do autor de "O Clero e a Independência" deve ser lido com a certeza de que temos em mãos uma das mais sérias obras sócio-históricas surgidas ultimamente em nosso meio.

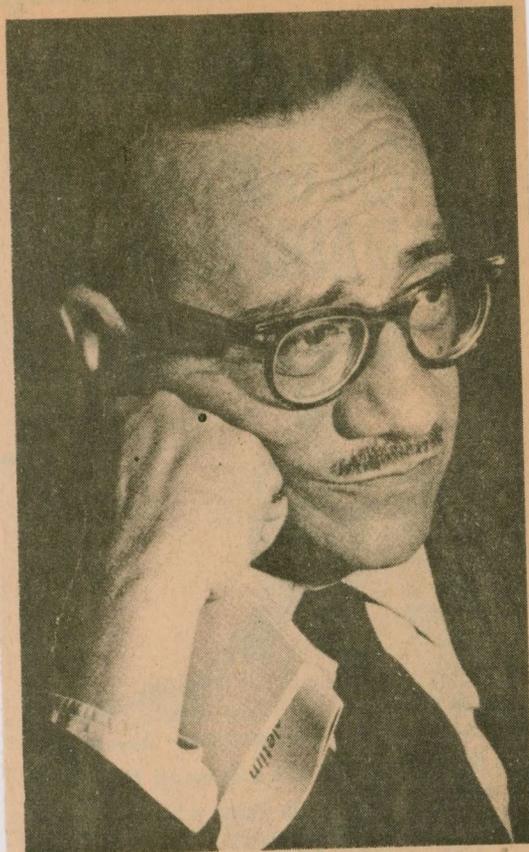
A ESTRELA SOBE — Marques Rebelo. 6.ª edição.

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora, Rio, 1974.

Lançado pela "José Olympio" em 1939, num momento áureo da novelística brasileira, o romance hoje clássico de Marques Rebelo acaba de ser transposto em linguagem cinematográfica pelo cineasta Bruno Barreto, que soube excelentemente extrair do texto o imenso que potencialmente nele existe, de movimento, imagem, cor, fabulação. A melancólica história de Leniza talvez seja a grande criação de Marques Rebelo. Não resta dúvida de que constitui um dos mais altos momentos do romance brasileiro na primeira metade do século. Basta o fato de estar sendo lançado em sexta edição para que se confirme a afirmativa tantas vezes feita de que a preferência dos leitores sempre o acompanhou. Efetivamente, Marques Rebelo forma ao lado de Manuel Antonio de Almeida, de Machado de Assis, de Lima Barreto e de João do Rio o esquadrão áureo do romance carioca: "A Estrela Sobre" espande com luz própria nessa galáxia real, que parece não ter tido continuadores à altura de iniciantes tão altos. Talvez com Marques Rebelo haja de fato desaparecido o clima meio mágico, meio surrealista, dissolvente e peculiar que transformava o Rio numa das metrópoles de nossa ficção. O Rio "capital federal" que nunca foi descrito objetivamente por nenhum desses grandes ficcionistas que o cantaram, mas que se entranhou de tal forma no cerne de seu estilo, que sem lê-los e sem amá-los não será nunca possível amar apaixonadamente a cidade que os gerou.

OS SINOS DA AGONIA — Autran Dourado. Editora EXPRESSÃO E CULTURA, Rio, 1974.

Vila Rica das Minas Gerais, século XVIII. O cenário não pode ser mais aliciante e sedutor aos fabricantes de relatos realístico-históricos. Não é essa, porém, a tendência de Autran Dourado, um romancista que escreve com a consciência de que a literatura existe para desafiar o leitor e não para embalá-lo. Daí a irredutível qualidade de uma obra que, iniciada com "A Barca dos Homens" (traduzido para o francês, o espanhol, o inglês e o



**"A Estrela Sobe", de Marques Rebelo, que virou filme, chega à 6.ª edição.**

alemão), atingiu um dos seus ápices com "O Risco do Bordado" que em um ano atingiu facilmente a casa dos vinte mil exemplares. Este "Os Sinos da Agonia" constitui efetivamente seu livro mais ambicioso, pois representa uma espécie de resposta dada pelo ficcionista a um dos fantasmas que mais obsidiam um escritor mineiro: a Ouro Preto do século XVIII com seu cortejo de esplendores e tragédias: o metal e o sangue, o amor e o drama, a Inconfidência e o barroco, a flor e a espada, a natureza severa das montanhas e a doçura das éclogas de Gonzaga. De fato, Minas com sua dialética de agonia e grandeza é um desafio e uma imposição a cada um de seus intérpretes. Num relato como este teria sido fácil sucumbir ao perigo mais traiçoeiro: arranjar a história, já por si tão romantizada, à maneira de um relato linear e epidérmico, de artifício. Autran Dourado, porém, dispõe de outros parâmetros. Sua matéria é a alma humana e suas contradições em meridianos muito mais vastos do que poderíamos imaginar à primeira vista. O resultado é um romance densamente construído à sombra da tragédia mais alta. Suas fontes são Eurípedes, Sêneca, Racine. O amor e a morte se entrelaçam numa trama duramente amalgamada em paixão e em ódio. Mas a técnica do romancista demanda uma atenção muito aguda. Não se iluda o leitor com a aparência descozida que o relato lhe oferece nos primeiros capítulos. Uma trama rigorosa, impiedosa, irremediável, ritmada pelo soar agônico dos sinos de Ouro Preto, encaminha-se nestas páginas a um desenlace fascinante, em que um personagem mítico, verdadeiro protagonista de tragédia arcaica, é imolado sob a inflexibilidade de um destino que governa mesmo a vontade dos deuses. Linguagem densa, sóbria, contida, excelente veículo para comunicar ao leitor contemporâneo a intemporalidade dos dramas humanos, capazes de ocorrer em qualquer época e em qualquer espaço.